



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS**

SHIRLYA ELUZYANE BEZERRA DE LIMA

**Representação da mulher em histórias em quadrinhos: o caso
Hawkgirl/Hawkwoman**

Maceió
2022

SHIRLYA ELUZYANE BEZERRA DE LIMA

**Representação da mulher em histórias em quadrinhos: o caso
Hawkgirl/Hawkwoman**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Letras da Universidade Federal de
Alagoas como requisito parcial para a obtenção
de graduação em Letras Inglês – Licenciatura
Plena.

Orientador: Professor Doutor Daniel Adelino
Costa Oliveira da Cruz

Maceió
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB\$-1251

L732r Lima, Shirlya Eluzyane Bezerra de.

Representação da mulher em histórias em quadrinhos: o caso
Hawkgirl/Hawkwoman / Shirlya Eluzyane Bezerra de Lima. - 2022.
25 f.: il.

Orientador: Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em
Letras: Inglês) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras,
Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 23-25.

1 Hawkgirl – Personagens de histórias em quadrinhos. 2. Histórias em
quadrinhos – Representação feminina. 3. Crítica feminista. 4. Análise do
discurso. 5. Literatura. 6. Graphic novels . I. Título.

CDU: 81'322.5

RESUMO

Hawkgirl/Hawkwoman é uma super-heroína ficcional da editora Detective Comics publicada como histórias em quadrinhos. Os contextos machistas presentes em suas histórias a tornaram um objeto de estudo significativo. As histórias selecionadas foram publicadas em Comics entre 1941 e 2007. Nós as lemos à luz da crítica feminista, considerando sua construção como dependente de seu protagonista, Hawkman. Durante as análises, foram observados padrões sociais correspondentes a cada época a que pertencia a história analisada, como por exemplo, a subserviência feminina dos anos 1940. Apresentamos também algumas discussões a respeito do julgamento das *graphic novel* enquanto literatura e abordamos brevemente a história da crítica literária feminista. Dessa forma, concluímos que, graças à publicação contínua dessas revistas, é possível detectar importantes referências sociais contidas nelas a fim de entender como se dá a representação feminina contemporânea.

Palavras-chave: Hawkgirl; Literatura; Crítica feminista; Histórias em quadrinhos; Graphic novels.

ABSTRACT

Hawkgirl/Hawkwoman is a fictional superhero from Detective Comics published as comic books. The sexist contexts present in her stories made her a significant object of study. The selected stories were published in Comics between 1941 and 2007. We read them in the light of feminist criticism, considering their construction as dependent on their protagonist, Hawkman. During the analyses, social patterns corresponding to each period to which the analyzed story belonged were observed, such as the female subservience of the 1940s. We also present some discussions about the judgment of graphic novels as literature and we briefly approach the history of feminist literary criticism. In this way, we conclude that thanks to the continuous publication of these magazines, it is possible to detect important social references contained in them in order to understand how contemporary female representation takes place.

Key-words: Hawkgirl; Literature; Feminist Criticism; Comics; Graphic novels.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 <i>Comics</i>	8
2.2 Breve história da crítica literária feminista	9
3. HAWKGIRL	11
3.1 A origem de Hawkgirl e Hawkman	11
3.2 Hawkgirl: Versões e poderes	12
4. ANÁLISE	15
I. Shiera Sanders	15
II. Shayera Thal	19
III. Kendra Saunders	20
5. CONCLUSÃO	21
6. REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

Hawkgirl/Hawkwoman é uma super-heroína ficcional da editora Detective Comics criada por Gardner Fox, Sheldon Moldoff e Joe Kubert, que apareceu pela primeira vez como Shiera Sanders na história em quadrinho *Flash Comics 1* (1940)¹. A super-heroína (inicialmente intitulada como Hawkgirl, se tornou Hawkwoman em 1981) possui sua história entrelaçada com outro super-herói, Hawkman, e é obrigada a permanecer em um ciclo de reencarnações junto a ele, destinados a se encontrarem e, por conseguinte, a se amarem².

Histórias em quadrinhos, ou *Comics*, são produtos sociais riquíssimos para estudo, visto que oferecem a “possibilidade de identificar, analisar e compreender as representações, os discursos e ideologias presentes em um dado contexto histórico” (NOGUEIRA, p. 1, 2015). Em vista disso, a história da personagem se torna ainda mais interessante, uma vez que ela e Hawkman estão presos em uma única narrativa, a qual enfraquece sua independência ao impedi-la de vivenciar outros romances sólidos ou contextos sem ele esperando por ela em algum momento de sua linha temporal. Porém, essa dependência ecoa demasiadamente na representação feminina justamente por todo o contexto social e histórico em que vivemos, no qual as mulheres ainda lutam para terem direitos básicos como o direito à vida³.

É na tentativa de entender as reproduções do mundo real impressas na história de Hawkgirl/Hawkwoman que esse trabalho se firma. Ao escolher uma história de complexidade única, o objetivo desse trabalho foi perceber, da perspectiva da crítica literária feminista, como a personagem Hawkgirl/Hawkwoman é (re)tratada nas HQs, considerando, principalmente, as relações de gênero entre ela e personagens masculinas.⁴

¹ Disponível em: <<https://www.comics.org/issue/615/#11006>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2022.

² Disponível em: <<https://www.dccomics.com/characters/hawkman>>. Acesso em: 03/02/2022.

³ No Brasil, apenas em 2006, através da Lei Maria da Penha (11.340/2006), criou-se “mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher”. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em 03/02/2022. Quase 10 anos depois, passou a ser crime o assassinato envolvendo violência doméstica e familiar e/ou o menosprezo e discriminação à condição de mulher a partir da recente Lei do Feminicídio (13.104/2015), a qual “prevê circunstância qualificadora do crime de homicídio [incluindo] o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em <<https://ibdfam.org.br/noticias/8233/>>. Acesso em 04 de dezembro de 2021.

⁴ Realizamos uma busca em suas histórias nas décadas de 1940, 1990 e 2000 em suporte digital.

Analisar mudanças na construção da personagem apenas se tornou possível graças à escrita contínua dessas histórias, caráter particular das HQs não encontrada em nenhum outro gênero literário.

Temos como testemunho desse passado toda uma produção material, os quadrinhos, assim como o relato de quem a eles dedica sua vida. Visões de mundo de pessoas diferentes, sexos diferentes, que, por meio da narrativa, escrita ou iconográfica, nos deixaram seu testemunho. O resgate da memória por meio dos quadrinhos surge como uma forma de se colocarem novos olhares sobre o passado, sobre atores históricos cujas realizações ficaram obscurecidas ou foram propositadamente ignoradas por gerações futuras. (NOGUEIRA, 2015, p. 3)

Nessa indústria que está em constante diálogo com o passado, as personagens abandonam seus criadores e passam a fazer parte de uma construção coletiva, agregando diversas características interessantes de cada um. O próprio tema “mulheres em HQs” já foi amplamente discutido sob diversos olhares por autoras e autores, como no trabalho de Nasicmento e Zanvettor (2018), Lima (2018), Barros (2015), Dalbeto (2020), Rodrigues, Menezes e Bandeira (2015), Hoffmann (2016) entre outros.

Por fim, justifico minha pesquisa pelas contribuições que trouxe. Essas contribuições são de três naturezas. A primeira diz respeito a mim, como aluna de graduação num Curso de Licenciatura em Letras-Inglês e futura professora de inglês no ensino básico. No que diz respeito aos meus ganhos como concluinte do Curso de Letras-Inglês, através dessa pesquisa tive a chance de aperfeiçoar meu pensamento crítico ao refletir sobre os papéis das mulheres em histórias em quadrinhos, observando o quanto ainda estamos relegadas aos papéis mais fracos e menos ativos.

A segunda diz respeito aos estudos das HQs em sua relação com o contexto da mulher. Esta pesquisa pretende contribuir para a área da crítica literária feminista através da discussão sobre a importância da representatividade da figura feminina enquanto uma figura com poder de escolha sobre sua própria narrativa, passível de vivenciar diferentes contextos sem a necessidade de um parceiro romântico. Discutir sobre essa situação também me fez abrir os olhos para a quase ausência de autoras nesse universo das HQs, sendo estas questões que precisam ser urgentemente modificadas por meio de, por exemplo, incentivo, investimento e oportunidades.

A terceira diz respeito ao impacto do conhecimento que adquiri na vida de meus futuros alunos e, por extensão da comunidade em que me inserirei como professora, seja a comunidade mais imediata, que é a escola, seja na comunidade mais ampla, que é o entorno da escola e as famílias de meus alunos.

No que diz respeito à comunidade imediata em que atuarei como docente licenciada, a escola, pretendo contribuir através da utilização das histórias em quadrinhos de maneira mais aprofundada na sala de aula por meio de oficinas, clubes de leitura, projetos etc., trazendo questões e levantando discussões sobre o papel das mulheres e das minorias em geral nesses espaços. No que diz respeito à comunidade mais ampla, o entorno da escola, ao estender o debate acerca do papel da mulher em narrativas masculinas para as esferas reais, pretendo mostrar que, independentemente do âmbito, gênero ou circunstância em que uma história ocorra, é possível retirar as mulheres do papel de coadjuvante e torná-las protagonistas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Comics

As histórias em quadrinhos no formato como as conhecemos hoje tiveram início com o americano Richard Outcault, em 1895 (LUCCHETTI, 2000) (ROBBINS, 2014). Já as *comics* (ou *graphic novels*) estão entrelaçadas com o cinema enquanto arte *underground*, porque eram consideradas más influências para crianças e adolescentes graças aos temas abordados, como a violência.

No Verão de 1939, Superman conseguiu ter uma revista própria, sendo o primeiro personagem a conseguir esse feito (ROBB, 2014). Esse tipo de narrativa ficou em alta por algum tempo, mas perdeu forças com o término da Segunda Grande Guerra, já que seus leitores não mais se identificavam com os super-heróis, e as *comics* agora competiam com a televisão. Na década de 1960, graças à adoção do gênero por professores e estudantes acadêmicos, as histórias de super-heróis tornaram a ter mais relevância.

Apesar de ter caído no gosto dos acadêmicos, ainda hoje se encontra o debate em relação ao tratamento das HQs enquanto literatura já que se utilizam imagens em sua construção narrativa. Não se intenciona alongar esse debate, portanto, concorda-se com as colocações de Baetens (2008, p. 82) ao questionar qual a importância dessa discussão para a literatura, já que

O encontro, senão a fusão, entre o romance e a graphic novel, entre a narrativa verbal e a narrativa visual e entre as palavras e as imagens em geral, não é excepcional. A grosso modo, acredito que a contribuição da graphic novel para o romance literário pode ser desenvolvida em duas direções: uma muito geral – como a graphic novel desafia nossa ideia de literatura? - e uma mais específica – como a graphic novel nos força a adaptar ferramentas metodológicas e teóricas usadas para estudar literatura? (Tradução própria)⁵

Ou seja, é muito mais interessante entendermos como as *graphic novels* desafiam a ideia de literatura, suas possibilidades de investigação e análise ao invés de simplesmente rejeitarmos algo por estar à margem do cânone literário (*Ibid.*).

Parte-se agora para uma exploração breve do que foi e o que é a crítica literária feminista a fim de entendê-la na discussão proposta inicialmente.

2.2 Breve história da crítica literária feminista

A crítica literária feminista possui uma história recente, a qual está dividida entre Três Ondas e duas modalidades. A primeira modalidade tem em vista o resgate de obras escritas por mulheres enquanto a segunda está voltada em fazer releitura de obras literárias considerando a experiência da mulher “independentemente da autoria, [...] [detectando], através do estilo, da temática e das diferentes vozes do texto, a relevância da voz feminina e os traços de patriarcalismo que perpassam a obra.” (ZINANI, 2011, p. 407).

Segundo Bonnici (2007) *apud* Zinani (2011, p. 407) “a Primeira Onda [...] corresponde ao período que vai desde as últimas décadas do século XIX, quando se tornou mais expressiva a luta pelos direitos humanos, até as primeiras do século XX, com o movimento das sufragistas, que defendiam direito ao voto feminino.” Já a Segunda Onda, consagrada com a publicação do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1949), vem para criticar a construção subordinada da mulher e alguns mitos criados por escritores renomados. A Terceira Onda, segundo a autora,

⁵ Original: “The encounter, if not the merger, between the novel and the graphic novel, between verbal storytelling and visual storytelling, and between words and images in general, is not exceptional. Roughly speaking, I think the contribution of the graphic novel to the literary novel can be developed in two directions: a very general one—how does the graphic novel challenge our idea of literature? —and a more specific one—how does the graphic novel force us to adapt methodological and theoretical tools that we use to study literature?”

surgiu, de acordo com Bonnici (2007)⁶, em torno de 1990, nos Estados Unidos, derivada da necessidade de renovação do movimento, devido a problemas de ordem legal, enfrentados nos Estados Unidos; da crítica masculina que atribui a redução de direitos dos homens paralelamente à igualdade adquirida pelas mulheres; (ZINANI, 2011, p. 413).

A autora complementa que a Terceira Onda possui uma pauta mais ampla, assim, agrega movimentos relacionados à teoria *queer*, pós-colonialismo, conscientização negra etc.

Alós e Andreta (2017) explicam que a grande responsável por essa divisão histórico-política foi a jornalista Martha Weinman Lear “que, em 10 de março de 1968, publicou, no *The New York Times Magazine*, um artigo intitulado *The Second Feminist Wave*. Nesse texto, [ela] instaura a noção de ‘segunda onda’ para descrever o próprio contexto que estava vivendo; conseqüentemente, todo o feminismo anterior foi subsumido na categoria ‘primeira onda’” (2017, p.16).

Na Primeira Onda, concentrada no final do século XIX e início do século XX, uma elite branca e burguesa de mulheres fazia três reivindicações: o fim do casamento forçado, o direito ao voto feminino e o acesso à educação formal. Pautas como direitos civis e a abolição da escravidão pouco se aplicavam às discussões. Ainda que houvesse lugares, como nos Estados Unidos, onde essas questões colidiam, os direitos exigidos eram destinados apenas à população branca. São dessa época obras como *A Vindication of the Rights of Women* (1792), de Mary Wolstonecraft, e Catherine Macaulay com *Letters on education with observations on religions and metaphysical subjects* (1790). (ALÓS, ANDRETA, 2017, p. 16-17). Após essas lutas, o mundo se encontrou em um período de transição,

no qual, analisando o contexto histórico, observa-se uma forte valorização da participação da mulher na esfera do trabalho devido à Segunda Guerra Mundial. Infelizmente essa valorização termina junto com a guerra: quando há o retorno da força de trabalho masculina, a ideologia que valoriza a diferenciação de papéis por sexo, atribuindo à condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. (CARDOSO, SILVA, 2018, p. 1).

⁶ BONNICI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

A Segunda Onda ocorre após a Segunda Guerra Mundial e se relaciona com a revolução sexual feminina, juntamente com a aprovação de métodos contraceptivos nos Estados Unidos. Ela explode nos anos 1960 e traz debates mais amplos.

Esse feminismo renovado [...] teve um diálogo intenso com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o movimento hippie e o movimento sindical dos trabalhadores. Isto é, um feminismo que começou a ficar mais atento (e menos ingênuo) às questões de raça, classe e sexualidade. (ALÓS, ANDRETA, 2017, p. 18)

Essas discussões resultaram em obras como *The Feminine Mystique* (1963), de Betty Friedan, *Sexual Politics* (1969) de Kate Millet e o artigo *The personae is political* (1969) de Carol Hanisch foram fundamentais para a estrutura do pensamento feminista da época.

A Terceira Onda, no final da década de 1980 e início da década de 1990, intensificou os debates e os ampliou à novas questões, como a intersecção de gênero e raça, homossexualidade e a introdução da teoria *queer*. bellhooks com *Teaching to Transgress* (1994) e Judith Butler com *Gender Trouble* (1990) são frutos desses novos confrontos.

Dispostas as divisões da crítica feminista, parte-se então para a apresentação da personagem a ter sua construção analisada, classificando, pois, o presente trabalho enquanto pertencente à segunda modalidade da crítica feminista, voltando-se a destacar traços patriarcais contidos ao longo da obra.

3. HAWKGIRL

3.1 A origem de Hawkgirl e Hawkman

Hawkgirl e Hawkman são duas personagens que possuem histórias extremamente confusas, graças às diversas escolhas de reformulação realizadas por seus editores ao longo dos anos. Foram tantas pausas e modificações que, para se ter uma ideia, “a primeira história a realmente explicar as mudanças foi o *Hawkworld Annual* 1 (1991). Depois disso, as coisas desmoronaram novamente [...], Hawkman foi morto em dois anos, no *Hawkman* v.3 33 (julho de 1996)”. (KOOIMAN, 2020)

A história da Hawkgirl tem origem com a princesa Chay-Ara. Casada com o príncipe Khufu, eles reinaram durante a 19ª dinastia do Egito antigo. Certo dia, profetizado pelo mago Nabu, uma nave alienígena cai nas terras de Khufu. Juntamente com Nabu e o campeão Teth-Adam, o príncipe encontra no deserto a

nave provinda do planeta Thanagarian. Deparam-se também com uma viajante, a qual, através de um feitiço de tradução do mago, emite como últimas palavras “Nth Metal” (nono metal ou metal enésimo). Curiosamente, Khufu era o nome de segundo faraó da Quarta Dinastia do Egito, também conhecido como Cheops ou Quéops.

De volta ao palácio de Khufu, a nave é estudada dentro do Templo do deus egípcio Hórus, descobrindo-se que sua principal propriedade é a capacidade de negar a gravidade. Em seguida, derretido, o metal é usado para criar diversos itens como um cinto que permite a Khufu voar, uma adaga e uma luva de batalha conhecida como Garra de Hórus. Além disso, o metal também fortalece as almas do casal e transmite o conhecimento coletivo de Thanagar.

Porém, o feiticeiro de Khufu, Hath-Set, lidera uma rebelião e mata com a adaga feita com o enésimo metal o príncipe e sua sacerdotisa, como uma oferenda ao deus da morte Anúbis. Graças a junção realizada pelo contato com o metal, as almas de Chay-Ara e Khufu são amaldiçoadas a reencarnarem junto com a alma de Hath-Set. Eles estão fadados a se encontrarem e, ao se apaixonarem, serem mortos repetidamente pela reencarnação de seu inimigo. (KOOIMAN, 2020)

Após esse evento, os personagens sofreram por diversas modificações ao longo dos anos e das edições, incluindo suas máscaras e seus nomes, principalmente no caso da Hawkgirl.

3.2 Hawkgirl: Versões e poderes

Como dito anteriormente, Hawkgirl foi reformulada diversas vezes e é possível encontrá-la em 22 multiversos (MORRISON, 2015) e outras 10 criações, como no *crossover* de *comics series* Scooby-Doo! Team Up (2014-2019).

Apesar de ter aparecido na *Flash Comics* 1, Shiera Sanders só se tornou de fato uma super-heroína na revista *All-Star Comics* 5 (1941), com a identidade Hawkgirl.

As figuras a seguir ilustram as mudanças sofridas por Hawkgirl e Hawkman. Apesar de Hawkman possuir mais versões, só estão citadas aquelas em os dois estiveram juntos (Figura 1).

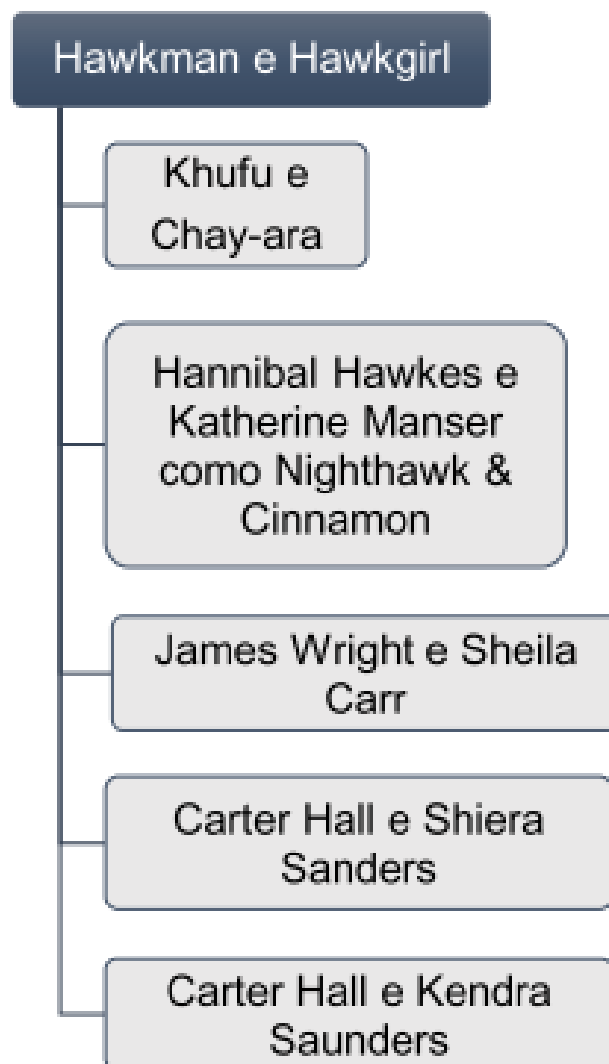


Figura 1 – Versões em que as personagens aparecem juntas.

Fonte: elaborada pela autora.

Já na figura 2, é possível encontrar algumas das versões da personagem além das já citadas. Nelas, sua existência ocorre independente das aparições do Hawkman.



Figura 2 – Versões da personagem Hawkgirl.

Fonte: elaborada pela autora.

Os poderes da super-heroína são possíveis graças ao metal de Thanagar que desafia a gravidade permitindo voo através de asas projetadas. O metal também confere certa força e a capacidade de cura ao seu usuário. Além disso, a super-heroína tornou-se especialista em técnicas de combate físico, aprendeu a falar várias línguas assim como a usar armas diversas ao longo dos anos (KOOIMAN, 2020).

4. ANÁLISE

Para a análise, foram separadas três versões da super-heroína sendo selecionadas Shiera Sanders, da *Flash Comics* (1940)⁷, Shayera Thal, em *Hawkworld* (1990)⁸ e Kendra Saunders, em *Hawkgirl* (2007)⁹, porque elas representam mentalidades e contextos diferentes umas das outras.



Figura 3 – Primeiras Capas

I. Shiera Sanders

Hawkgirl é uma personagem que parece ter sido criada para apoiar seu parceiro, assim como servir de alívio romântico para a trama em que estava inserida. Nas primeiras edições de Hawkman da *Flash Comics*, Shiera era apenas a namorada de Carter e pouco apareceu em seus quadrinhos. Na época, ela representava o ideal feminino: bem-comportada, meiga e subserviente. Apesar de parecer inteligente, quase não falava algo que não fosse para ajudar Carter ou agradecê-lo. Shiera também não possuía um trabalho ou ocupações claras. Fica-se sabendo ao longo das histórias que ela lidava com artefatos antigos, enquanto Carter, em sua segunda

⁷ FOX, Gardner, MOLDOFF, Sheldon, LAMPERT, Harry, CAMERON, Don. **Flash Comics**. New York, N.Y.: All-American Comics, INC. 1940-1942.

⁸ OSTRANDER, John, TRUMAN, Timothy, NOLAN, Graham. **Hawkworld**. DC Comics Inc., New York, NY, 1990-1991.

⁹ SIMONSON, Walter, CHAYKIN, Howard. SIMONSON, Walt, BENNETT, Joe. **Hawkgirl**. DC Comics Inc., New York, NY, 2006-2007.

revista, é descrito como cientista, pesquisador e colecionador de armas. Isso, porque, segundo Madrid *et al.* (2015),

O papel inicial de uma personagem feminina nas HQ's, antes mesmo de surgirem super-heroínas, não era nem de longe uma ameaça. Não era possível nem imaginar que uma super-heroína tivesse a possibilidade de tomar o lugar de personagens como "Superman" ou "Batman", logo, os próprios criadores das personagens não as davam valor nem tinham noção de como representá-las. Para evitar maiores trabalhos, a super-heroína era inserida na história do mais absoluto nada, sem uma história forte em seu passado e sem perspectiva de futuro, é apenas colocada ali para o bem maior do protagonista (MADRID, 2009 *apud* RODRIGUES, MENEZES, BANDEIRA, 2015, p.5).

Logo, Shiera não era uma ameaça para Carter, na verdade, sua existência fazia com que o heroísmo dele se destacasse.

Mensalmente se podia ver Shiera nessas edições, que duraram de 1940 a 1949 e tiveram 104 edições. As aparições de Shiera nas 20 primeiras, 1940 a 1941, podem ser divididas entre:

1. Shiera ajuda minimamente Carter (edições número 2, 3, 4, 12, 14);
2. Shiera é sequestrada ou está em perigo (edições número 1, 7, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20).

Nas outras cinco edições, ela simplesmente não aparece.

Destaque para a edição 11 (p. 5, 6, 9 e 11), na qual o casal descobre um problema no subúrbio da cidade e Carter parece não se importar, enquanto Shiera decide fazer algo. Carter a manda ficar longe de problemas, ainda que ele mesmo vá resolvê-los sem ela saber. Os dois acabam tomando a mesma decisão, mas Carter atinge sem querer a companheira deixando-a inconsciente e ela não percebe que ele esteve lá. Enquanto Shiera é amarrada pelos bandidos, Hawkman resolve tudo (o que permite uma fuga segura para a amada) e Shiera termina feliz sem saber que pouco fez para ajudar a cidade.

Destaque também para a edição 20 (p.60), apresentada anteriormente, na qual Shiera tenta ajudar de uma maneira mais ativa, mas novamente acaba dependendo de Carter. Rodrigues *et al.* afirmam que

O termo correto para definir essa presença mal colocada de personagens femininas em HQs se chama: *plot device*. Esse mecanismo funciona quando a história trava em um certo ponto e apenas o surgimento de um de algum elemento vai fazer com o que a trama ganhe novos rumos. As personagens femininas são tão frágeis e descartáveis que aparecem nessa posição, são elas que chegam nas histórias para salvar o arco do protagonista. Note que não se fala em salvar a vida do personagem principal, e sim sua história, uma personagem que chega rápido e sai da história mais rápido ainda, sem deixar vestígios, para que não atrapalhe o personagem principal que está sempre muito ocupado salvando o mundo. (RODRIGUES, MENEZES, BANDEIRA, 2015, p.7)

Mostra-se, assim, o quanto Shiera era subestimada, sendo apenas a namorada do protagonista em um compromisso que parece ter sido forçado pela visão que o super-herói teve em relação a reencarnação dos dois. A fragilidade da personagem pode ser explicada porque “[...] na década de trinta, surge outro tipo de representação feminina nos quadrinhos: as eternas namoradas. Essas personagens são mulheres que se relacionam com um herói e passam a viver à sombra de suas aventuras e de sua proteção”. (GUEDES, 2018, p. 30).

Com o passar das edições, Shiera conseguiu tornar-se uma super-heroína assim como o seu par. Todavia, esse caminho não deixou para trás as barreiras que os separavam em questão de importância e destaque. Ela continuou sendo uma personagem secundária. De fato, A edição número 1 da Flash Comics trouxe pela primeira vez Carter Hall, assim como o Hawkman. Shiera, por outro lado, apesar de também ter aparecido pela primeira vez na mesma edição, só se tornou a Hawkgirl no ano seguinte. Enquanto ainda não era poderosa, sua existência servia para apoiar seu par, e isso não havia mudado tão pouco.

Seu codinome de super-heroína, diferentemente dos super-heróis como Superman, Batman, o próprio Hawkman e outros, ganhou a terminação de “garota” (em inglês, *girl*) e não de “mulher” (em inglês, *woman*). Essa tendência foi citada por Robbins (2014, p. 5)

As super-heroínas que sucederam a Mulher Maravilha nos quadrinhos dos anos 1940, tendiam a ter nomes de “garotas” como Sun Girl (Garota do Sol), Moon Girl (Garota da Lua), Hawk Girl (Garota-Falcão), Bullet Girl (Garota-Bala), and Bat Girl (Garota-Morcego), muitas vezes eram apenas ajudantes dos heróis masculinos, cujos nomes terminavam com “homem” em vez de “menino” — Hawkman (Homem-gavião), Bulletman

(Homem-bala), Batman (Homem-morcego) - e não eram tão fortes. (Tradução própria)¹⁰

Escolher não colocar “woman” (mulher, em inglês) nos codinomes das super-heroínas pode parecer trivial, mas passa a mensagem de que elas são personagens secundárias e não são tão fortes quanto seus parceiros. Interessante acentuar que Shiera, por ideia de Carter, ao fantasiar-se para uma festa com roupas parecidas com a do Hawkman, na edição de dezembro de 1941 da Flash Comics 24 (p. 59 e 60), diz “I’m the Hawkwoman!” e não utiliza a palavra “girl”. O intrigante é que Shiera já usava o uniforme nos quadrinhos *All-Star* desde junho/julho do mesmo ano.

Shiera levou um certo tempo para ser aceita como uma igual por seu amado. Inicialmente, ela era considerada menos útil que um animal. Na edição 23 da Flash Comics, Hawkman conhece um falcão, Big Red, e usa sua ajuda no combate ao crime. O animal confia no poder de Shiera e a chama para salvar Carter (n. 25, p. 61 e 62), e ela vai, mas a credibilidade do animal é tão superior à da mulher que Carter pede a ela que vá para casa, mas Big Red deve ficar pois poderá ser útil.

Robbins (2014, p. 5) aponta que nos anos 1960, as super-heroínas em geral já não mais possuíam seus próprios quadrinhos e passaram a integrar equipes de super-heróis, porém, não de forma igualitária, mas sim sendo mais fracas do que seus companheiros de equipe masculinos. Shiera nem sequer tinha o próprio quadrinho, e entrou como personagem não oficial de *All-Star Squadron*.

Com a dissolução das sociedades de super-heróis e o momento pós-guerra, Shiera e Carter também somem das *Comics* por um tempo. Isso porque

[o] movimento conservador toma conta da sociedade americana, propagando a volta dos valores cristãos e o espírito empreendedor. Esses ideais têm, resumidamente, os seguintes resultados: o espírito empreendedor faz com que o homem volte para o trabalho que havia sido ocupado pelas mulheres, e as mulheres voltam para casa, já que devem seguir os padrões de feminilidade do cristianismo (OLIVEIRA, 2007 *apud* GUEDES, 2018, p.22).

¹⁰ Original: “The superheroines who followed Wonder Woman into 1940s comic books tended to have “girl” names like Sun Girl, Moon Girl, Hawk Girl, Bullet Girl, and Bat Girl, were often merely sidekicks of the male heroes, whose names ended with “man” rather than “boy” --Hawkman, Bulletman, Batman -- and were not as strong.”

Seguindo a vida real, Shiera se torna esposa e tem um filho com Carter, Hector Hall. Após alguns anos, ela retorna como Kendra Saunders.

II. Shayera Thal

A segunda fase a ser analisada será a da personagem Shayera Thal¹¹, policial do planeta Thanagar e parceira do também policial, Katar Hol na *comic* Hawkworld (1990) escrita por John Ostrander e Timothy Truman¹². Eles estavam anos à frente de tantas lutas e conquistas feministas, mas Shayera foi simplesmente apresentada na terceira página da primeira revista da seguinte maneira: “ela deveria ser a heroína oficial. Ela fez o verdadeiro trabalho ao expor a traição de Byth. Mas ela é uma mulher, eles dizem, e não é realmente da nossa classe, então, eles não querem enviar a mensagem errada.” (Tradução própria)¹³ A personagem era desvalorizada por ser mulher até mesmo em outro planeta.

Na mesma história (p.15), há uma ocasião na qual a dupla está na presença de uma mãe e de seu bebê. Katar é chamado para uma conversa particular fora da sala e sua atitude antes de se retirar é entregar o bebê a Shayera, pedindo para que ela brinque com a criança e exercite seus “instintos maternos”. O balão seguinte a essa fala mostra a heroína pensando “Quais instintos maternos?! Eu nem sequer gosto de crianças!” (Tradução própria)¹⁴. Ora, as feministas da década 1950 já falavam sobre a inexistência do “instinto” materno, vide Simone de Beauvoir e o seu livro *O Segundo Sexo* (1949).

Hawkworld, em particular, está repleto de passagens machistas explícitas, como o questionamento feito a Katar Hol, na edição 2 (p. 9), sobre os dois terem viajado em uma nave vinda de tão longe, dormindo juntos e não serem casados.

Há também, no número 20, uma passagem em que, durante uma luta contra um vilão, ele o agarra e promete ser um “homem de verdade” para ela.

Apesar de tantos posicionamentos machistas, Shayera possui fortes opiniões, inclusive em relação ao aborto, ao qual é a favor, e em relação à religião (n. 18, p. 8

¹¹ Um tipo de remodelação das histórias de Shayera e Katar Hol presentes em *Hawkman: The Brave and the Bold* de 1961.

¹² Há muitas reviravoltas entre o desaparecimento de Shiera e a existência de Shayera. Para entender melhor, recomenda-se a leitura Disponível em: <<https://www.cosmicteams.com/profiles/hawkman3.html>>

¹³ Original: “[she] should be the official hero. She did the real work in exposing Byth’s treachery. But she’s a woman, they say, and not really of our class and they don’t want to send the wrong message.

¹⁴ Original: “What maternal instincts! I don’t even like kids!”

e 9), e consegue se relacionar com outros homens que não o Hawkman (n. 4, p. 15, 16).

Na segunda edição, Shayera confirma que não se assemelha mais com Shiera Sanders. Ao visitar o planeta Terra, o personagem Joe Tracy comenta haver muitos super-heróis em seu planeta, como o Batman e Superman, e sugere usar a imagem dos dois *Thanagarians* como Hawkman e Hawkgirl, ao que a personagem interrompe Joe e diz “Não sou mais uma garota tem um tempo. Sou uma mulher, Mulher-gavião”¹⁵ (n. 2, p. 7, Tradução própria).

Essa passagem é importante para compararmos a forma como a personagem está lidando com o machismo à sua volta e o quanto ela cresceu desde que colocou as vestes de super-heroína pela primeira vez. Além de poder se expressar mais, há nessas edições um importante encontro, ainda que não o primeiro da história das duas personagens, entre Wonder-Woman e Hawkwoman (n. 16, p. 25), no qual Shayera acaba ajudando a Amazona e diz nunca ter tido uma irmã antes, e Diana responde que ela possui irmãs em todo canto, uma referência à união entre as mulheres.

Hawkwoman aparece muito mais na revista comparada a sua antecessora, mas quase não há combate corpo a corpo, diferentemente do Hawkman. Mesmo sendo especialista no uso de armas, é estranho uma policial não precisar lutar fisicamente. Talvez fosse indício de que ela ainda fosse fraca fisicamente, já que a revista apresenta outros tipos de violência.

Katar e Shayera não formam um casal nessa versão. De fato, eles se separaram e Katar Hol se junta à Liga da Justiça enquanto Shayera vai trabalhar como policial em Chicago.

III. Kendra Saunders

Partindo para o ano de 2007, nos deparamos novamente com a Hawkgirl. Kendra Saunders, diferentemente de suas antecessoras, não nasceu com a “alma” de Chay-Ara. Na realidade, era uma jovem mãe que tentou se suicidar, mas retornou graças à princesa. Há edições que afirmam que Kendra também era sobrinha de Shiera. O que nos interessa, de fato, é que Kendra foi a primeira a rejeitar as investidas românticas de Carter e a única que quebrou a maldição dos dois.

¹⁵ Original: “I haven’t been a girl for some time. I’m a woman. Hawkwoman”.

Na revista que leva seu nome em substituição a *comic Hawkman*, a edição primeira (que na realidade é a de número 50), criada por Walter Simonson e Howard Chaykin, encontramos a personagem investigando a egiptologia a fim de entender melhor seu passado. Isso a levou ao museu de Gotham City, e ela obteve ajuda de Batman, Superman e da Oráculo, chegando, então, a Hath-Set. Destacam-se alguns pontos que divergem das outras versões citadas. A primeira coisa é que se vê uma Hawkgirl flertando sutilmente com os outros super-heróis (n. 64, p. 8), coisa impossível para Shiera. Segundo, Kendra utiliza muito mais o combate físico e mostra toda a sua força, enquanto Shayera somente utiliza armas.

Também se pode ter mais certeza dos motivos da criação da maldição que ligou Khufu, Chay-Ara e Hath-Set. Não surpreendentemente, o feiticeiro amaldiçoou o casal por ciúmes. Ele estava apaixonado por Chay-Ara, mas não era correspondido. Essa confissão é dita na edição 65, assim como a intenção de matar Chay-Ara para sempre. Nada mais machista, portanto, do que basear toda a história de uma personagem por causa dos ciúmes de um homem. Não há precedentes de coisa parecida ocorrida com um super-herói.

Por fim, durante a batalha contra seu principal inimigo, Kendra cai em uma armadilha, mas Chay-Ara toma seu corpo para ajudá-la. Ao final, ela é reconhecida por Carter, mas o adverte que aquele corpo será apenas de Kendra para sempre a partir daquele momento (n. 66, p. 16 e 18). Porém, a história se encerra com uma possível nova relação entre as personagens.

5. CONCLUSÃO

Após toda leitura e análise das obras, constatou-se que a criação da Hawkgirl não ocorreu para inspirar suas leitoras, mas sim para servir de apoio romântico para o personagem principal dos quadrinhos. Hawkgirl teve o mesmo início que Sue Storm, do *Fantastic Four*, como explica Robbins (2014, p.6)

Sue Storm, por exemplo, tinha o duvidoso poder de se tornar invisível, enquanto os membros masculinos do Quarteto Fantástico eram capazes de explodir em chamas, esticar-se como massa ou ser fortes como rochas. Ela passava a maior parte do tempo desmaiando ou se preocupando com seu namorado elástico, o Sr. Fantástico, e não foi projetada para atrair garotas. Uma vez que o número de leitores de quadrinhos femininos havia caído drasticamente

naquela época, isso não importava. (Tradução própria)¹⁶

Sue tinha o poder da invisibilidade da mesma maneira que era uma personagem invisível, sem preocupações ou histórias que não fossem românticas, como explica Robbins. Por mais inteligência ou poderes que essas personagens tivessem, tanto Sue quanto Hawkgirl não os utilizavam de maneira independente e serviram apenas como objeto de fundo de suas revistas. Essa representação é problemática e, para explicá-la, cito Nogueira (p. 6, 2015) ao afirmar que,

Ao adentrar neste mundo de ficção, o leitor (a) acaba por assimilar ideias nele contidas, valores que são reforçados pelo autor (a) e, sem perceber, acaba formando opiniões muitas vezes aproximadas sobre temas cotidianos, política e mesmo economia. Quadrinhos, como qualquer outra mídia, são formadores de opinião.

É imensurável, pois, a quantidade de mulheres nas quais Hawkgirl foi inspirada assim como a quantidade de pessoas afetadas negativamente pela representação frágil e limitada da personagem.

A falta de protagonismo da Hawkgirl se reflete nas tantas mudanças que ela sofreu. Personagens das histórias em quadrinho tendem a passar por alterações no decorrer dos tempos, mas muitas promovidas com a Hawkgirl não fazem sentido por serem extremamente confusas. Talvez o termo “Women in refrigerator” possa ser aplicado aqui. Literalmente, “mulher no congelador” foi um termo utilizado por Gail Simone como título de seu site nos anos 1990 para compilar os nomes das tantas personagens que foram descartadas sem motivo de suas histórias (RODRIGUES, MENEZES, BANDEIRA, 2015). Como os autores explicam,

As motivações reais variam, desde retirar a personagem mulher por achar que o super-herói protagonista estava perdendo a essência da história (logo, sua própria essência) por conta do romance, até mesmo matar um personagem pelo simples divertimento dos roteiristas, que queriam movimentar a história matando alguém, que alvo seria melhor do que uma personagem feminina? As mulheres chegam nos quadrinhos sem histórias muito impactantes, sem

¹⁶ Original: Sue Storm, for example, had the dubious power of becoming invisible, while the male members of The Fantastic Four were able to burst into flames, stretch themselves like putty or be strong as rocks. She spent most of her time fainting or worrying about her stretchy boyfriend, Mr. Fantastic, and was not designed to appeal to girls. Since female comic book readership had dropped off sharply by then, it didn't matter.

promessas de futuro, logo, fica fácil retirar esse tipo de personagem das histórias. (*Ibid.* p.8)

Contudo, destaca-se a evolução sofrida pela personagem, que conseguiu acompanhar suas respectivas épocas e sair do estereótipo de boa moça dos anos 1940, passando a ser (re)tratada como uma personagem que transmite força e empoderamento em suas versões posteriores. Isso não quer dizer que não haja o que melhorar, como por exemplo, a representação física da Hawkgirl sem apelar para o sexual. Porém, muito foi feito desde sua criação em 1940.

Esse trabalho, portanto, visa contribuir para o debate em relação a representação feminina nas HQs, assim como servir de apoio para as futuras pesquisas e análises na área da crítica literária.

6. REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro. **Crítica literária feminista: revisitando as origens**. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, Fragmentum, n. 49, Jan./Jun. 2017, p. 15-31.
- BAETENS, Jan. **Graphic Novels: Literature without Text?** English Language Notes 46.2 (2008), p.77-88.
- BARROS, Érica Pires. Super-heroínas nos quadrinhos: a representação da mulher em Thor. Trabalho de conclusão de curso pela Universidade Católica de Pelotas. Pelotas-RS: 2015.
- CARDOSO, Kimberlin Kariny Gonçalves; SILVA, Fabio Lacerda M. **Uma análise histórica introdutória das três ondas do pensamento feminista**. São Bernardo do Campo: VIII Simpósio de Iniciação Científica, Didática e de Ações Sociais da FEI, 2018.
- DALBETO, Lucas do Carmo. **O macacão da Capitã: a construção discursiva da nova super-heroínas por meio do figurino em Capitã Marvel**. Universidade Estadual de Londrina: VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas – 28/09 a 01/10/2020.
- FLEXA, Rodrigo Nathaniel Arco e. **Mike Deodato Jr e a invasão brasileira na terra dos super-heróis (1989-2019)**. 2019. 191 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

GUEDES, Larissa M. **A representação feminina nas histórias em quadrinhos.**

UnB: Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2018.

HOFFMANN, Rafael Moura. A mulher maravilha é feminista? Reflexões históricas a partir das histórias em quadrinhos. União da Vitória: Universidade Estadual do Paraná, 2016. Disponível em:

<https://www.academia.edu/33365158/A_MULHER_MARAVILHA_%C3%89_FEMINISTA_REFLEX%C3%95ES_HIST%C3%93RICAS_A_PARTIR_DAS_HIST%C3%93RIAS_EM_QUADRINHOS?email_work_card=title>

LIMA, Savio Queiroz. **Mulher-Hulk - de selvagem à sensacional:** as transformações do feminismo nos anos de 1980 e a representação de uma nova mulher nos quadrinhos. Universidade Salgado de Oliveira: XX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR) e 19 Simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre Mulher e Relações de Gênero.

KOOIMAN, Michael. **Hawkman I + Hawkgirl I:** original/ Golden age/ Earth-two.

Disponível em: <<https://www.cosmicteams.com/jsa/profiles/hawkman-golden-age.html>>. Acesso em: 2020.

MORRISON, Grant. **The Multiversity:** guidebook. NY: DC Comics, V.1, 2015.

NASCIMENTO, Julia. ZANVETTOR, Katia. **A perda de poderes da Mulher-Maravilha nos anos de 1960 como consequência de manifestações feministas nos Estados Unidos.** Universidade do Vale do Paraíba, SP: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **As representações femininas nas histórias em quadrinhos norte-americanas:** June Tarpé Mills e sua Miss Fury (1941-1952). 2015. Dissertação (Mestre em História) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2015.

ROBBINS, Trina. **Women in comics:** na introductory guide. The Center for Cartoon Studies, 2014. Disponível em: <<https://www.cartoonstudies.org/wp-content/uploads/2014/06/women.pdf>>

RODRIGUES, Edvaldo; MENEZES, Maria Eduarda; BANDEIRA, Álamo. **Mulheres na geladeira:** A vulnerabilidade das super-heroínas no universo das histórias em quadrinhos. In.: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, RJ, 2015.

ZINANI, C. J. A. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. In: **IX Seminário Internacional de História da Literatura**, 2012, Porto Alegre. Anais [recurso eletrônico] /9. Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. p. 407-415.